

ANTÓNIO CÂNDIDO FRANCO

LUIZ PACHECO

E s s e n c i a l



MALDOROR
letra livre

INTRODUÇÃO

Em 2017, quase uma década após a sua morte e a poucos anos do centenário do seu nascimento, Luiz Pacheco é um escritor vivo, que capta a atenção dos leitores. Estão aí para o provar, ao longo da última década, os estudos, as dissertações, os artigos de jornal sobre a sua obra, a sua vida e até a da sua família, com entrevistas ao seu filho Paulo Eduardo. Entre esta elevação alpestre, basta apontar dois títulos para se perceber como o escritor não morreu, nem teve o purgatório que é hábito dar aos escritores de largo público no momento imediato ao seu desaparecimento: a gigantesca biografia que João Pedro George lhe consagrou, Puta Que os Pariu!, com quatro edições entre 2011 e 2016, e o catálogo da exposição bibliográfica da BNP, Luiz Pacheco / Contraponto, não menos volumoso, com cerca de quatrocentas páginas, recheadas de testemunhos, bibliografia cuidada e monumental, iconografia da sua obra de autor, das suas edições e da sua pessoa.

Impossível, porém, contraditar que o escritor foi pouco editado neste período, com poucas reedições dos seus livros e escassos inéditos, mas isso deveu-se muito mais ao facto de ter oito herdeiros, alguns longe de Portugal, e não ao desinteresse dos leitores. É de esperar que, resolvidas as questões legais, a edição da obra de Luiz

Luiz Pacheco Essencial

António Cândido Franco

Capa e grafismo de Luís Henriques

Revisão de Andreia Baleiras

Impressão da Eigal

ISBN: 978-989-99814-2-3

Depósito legal: 432506/17

Lisboa, 2017

Maldoror

maldoror.livros@gmail.com

Livraria Letra Livre

Calçada do Combro, 139

1200-113 Lisboa

Tel.: 21 3461075

www.letralivre.com | letralivre@sapo.pt

A fotografia de Luiz Pacheco das páginas 2 e 3 foi tirada por amigos, na casa onde o escritor vivia, em Setúbal, a 5 de Novembro de 1994.

Pacheco dispare em muitas direcções, do folheto de cordel, de fácil venda e ligeira edição, à edição crítica e genética, ne varietur, reservada a um público estudioso, passando ainda pela edição e publicação de parte dos inúmeros inéditos que existem, o que de resto já vem sucedendo com a publicação nestes últimos anos de alguma da muita correspondência inédita, um dos lugares em que o escritor mais assistiu, fazendo-se com certeza, ele que se estreou em livro com uma carta, um dos mais curiosos cultores do género em Portugal.

O que propomos ao leitor neste trabalho é uma travessia pelo ofício deste escritor, desde as suas primícias ainda na primeira metade do século XX até aos seus trabalhos finais já com o presente século entrado. Dar-nos-emos por felizes se o leitor nos acompanhar neste brevíssimo do escritor e avistar no fim dele algumas das razões que justificam que a obra de Luiz Pacheco continue a ser uma atracção viva para os estudiosos e para os leitores.

Antes de avançarmos para o passeio, bom é que se saiba o que se entende por «escritor». O escritor é aqui o que age no domínio da expressão verbal, expressando o que mais lhe convém por meio da palavra. Há, porém, escritores que expressam realidades ficcionadas e outros, experiências vividas. Aqueles não precisam mais do que ler para escrever, ao passo que estes só na vida, não na leitura, encontram matéria para o seu ofício. Os segundos não são inferiores, pois há na vida experiências únicas, que em geral passam por intraduzíveis em palavras. Ora o papel do escritor que faz da vida a matéria da sua escrita é dar corpo de palavras, atmosfera verbal precisa, a tais situações — vividas mas «indizíveis».

De resto, não é preciso que essas experiências sejam invulgares, pois mesmo experiências comuns, do dia-a-dia, são difíceis de passar a escrito. Vivemo-las com naturalidade, mas não as traduzimos em palavras com a mesma facilidade. Almoçar é fácil e natural; pôr por escrito um único almoço, mesmo a sós, sem ninguém ao lado, é muito mais difícil, se não impossível para a maioria de nós. É por isso que a vida e a escrita, mesmo quando estreitamente ligadas, têm a sua verdade própria e inconfundível. Mesmo para um escritor que faça da vida a sua matéria de expressão, nunca basta viver para poder escrever; é preciso dominar o instrumento verbal para dar forma escrita ao que se vive.

Luiz Pacheco pertence ao grupo dos que não podem escrever sem a experiência vivida. Primeiro viver, depois escrever — repetiu ele vezes sem conta e até em latim. Aspirou sempre a juntar numa única arte o viver e o escrever. Este posicionamento condicionou-lhe o ofício, apurado no seio destes valores. Da sua oficina saíram peças marcadas por esta opção, começando logo pelos géneros predilectos que escolheu — a carta, o diário, a entrevista, o conto memorialístico, a novela de natureza diarística, a confissão, todos eles em contacto estreito com a matéria vivida. Talvez a única excepção seja a sua actividade crítica, constituída por recensões e notas jornalísticas e por estudos mais completos publicados em jornais, revistas e livros. Mas mesmo no campo da crítica ele tentou fazer valer as suas escolhas, introduzindo nas suas recensões muitos elementos memorialísticos e autobiográficos, e sobretudo defendendo uma teoria crítica que decorria da interligação entre escrita e vida. Segundo ele, o valor duma obra

literária dependia do tipo de vida que o escritor levava; a avaliação da obra passava pelo conhecimento da vida do autor. Diz-me como vives, dir-te-ei o que escreves, foi a sua máxima crítica. Crítica de identificação, chamou ele a este critério pessoal de abordar uma obra escrita. Por aqui se vê quanto lhe era ingênita e absoluta a relação da escrita com a vida vivida, mesmo que tivesse consciência plena — e foi ele quem no-lo ensinou — de que não lhe bastava viver para poder escrever. Necessitava de ter o instrumento verbal afinado para poder tirar da escrita os tons que mais lhe convinham ao vivido.

Retenha o leitor que no caso de Luiz Pacheco qualquer visita à sua oficina de escritor acaba a contemplar passos da sua vida. Por vezes a obra chega a parecer coincidir com a vida, não obstante a verdade própria, o nível de acção inconfundível de cada uma. É o que acontece nos diários, de tal modo neste género a proximidade dos dois termos do binómio se aperta — posto que nunca possa coincidir. É por isso que no seu caso estudar-lhe a obra é também cruzar-lhe a vida, que foi tudo menos vulgar, antes de mais no capítulo da sexualidade, porventura o aspecto mais marcante da vida e da escrita de Pacheco. O passeio que proponho ao leitor será pois também uma travessia dos acidentes alucinantes da vida dele. Este homem foi ao inferno e por lá viveu temporadas largas; foram elas que lhe puseram a tinta no bico da caneta ou na fita da máquina. Sem a tragédia da vida, a literatura não passava para ele dum exercício escolar sem interesse. Morreu várias vezes em vida, a chorar e a rir, que não há menos riso do que tragédia no seu percurso vivido e escrito.